



**MINISTÉRIO PÚBLICO ELEITORAL
PROCURADORIA REGIONAL ELEITORAL – RS**

EGRÉGIO TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DO RIO GRANDE DO SUL

DIREITO DE RESPOSTA nº 0601952-05.2022.6.21.0000 – Classe 12625

REQUERENTE: UM SÓ RIO GRANDE FEDERAÇÃO PSDB
CIDADANIA(PSDB/CIDADANIA) / 15-MDB / 55-PSD
/ 19-PODE / 44-UNIÃO

REQUERIDO: STELA BEATRIZ FARIAS LOPES

RELATOR: DESEMBARGADORA AUXILIAR ELAINE MARIA
CANTO DA FONSECA

PARECER

Trata-se de *Recurso* interposto pela Federação UM SÓ RIO GRANDE (FEDERAÇÃO PSDB CIDADANIA, MDB, PSD, PODEMOS, UNIÃO BRASIL) contra decisão que, em representação com pedido de direito de resposta e pedido de remoção de postagem no *Twitter* por ela formulada em face da candidata a deputada estadual STELA BEATRIZ FARIAS LOPES, por apontada irregularidade em veiculação de propaganda eleitoral irregular, **julgou improcedente a representação**. (ID 45091579)

Com razões e contrarrazões de recurso (IDs 45127919 e 45130447), foi dada vista a esta Procuradoria Regional Eleitoral.

É o sucinto apanhado. Passa-se à manifestação.

Não assiste razão à *Recorrente*. Vejamos.



MINISTÉRIO PÚBLICO ELEITORAL
PROCURADORIA REGIONAL ELEITORAL – RS

Narrava a *Representação* que a ora *Recorrida*, na sua página do *Twitter*, no dia 4 p.p., teria divulgado fato sabidamente inverídico, no qual afirmara que o candidato ao Governo do Estado EDUARDO LEITE recebeu pensão ilegítima, bem como que a postagem teria atentado contra a honra do citado candidato com ditos de “mamar nas tetas do estado” e “se fazer de porco vesgo para comer em dois cochos”. (ID 45076303)

Todavia, conforme estabelece o artigo 58 da Lei das Eleições (Lei nº. 9.504/1997), “a partir da escolha de candidatos em convenção, é assegurado o direito de resposta a candidato, partido ou coligação atingidos, ainda que de forma indireta, por conceito, imagem ou afirmação caluniosa, difamatória, injuriosa ou sabidamente inverídica, difundidos por qualquer veículo de comunicação social.”

Assim, *direito de resposta* “tem toda pessoa acusada ou ofendida em publicação feita em jornal ou periódico (...) veicularem fato inverídico ou errôneo, de dar a devida resposta ou retificar a informação”, bem como que, cada “caso deverá ser analisado em concreto.”¹

Por outro lado, a mensagem, para ser qualificada como sabidamente inverídica, deve conter inverdade flagrante que não apresente controvérsias, ou seja, é necessário que a inverdade seja manifesta e não admita, sequer, o debate político.

Isso assentado, observa-se que, efetivamente, o candidato Eduardo Leite, por algum período, teria direito de receber certo subsídio por ter ocupado o cargo de mandatário do Executivo do Rio Grande do Sul.

E, consabidamente, é dessa forma – com o título de “pensão” – que os periódicos e informativos em geral da imprensa tratam tal verba.

¹ CONEGLIAN, Olivar. *Propaganda Eleitoral*. 9ª ed. Curitiba: Ed. Juruá, 2008. p. 269.
✕



MINISTÉRIO PÚBLICO ELEITORAL
PROCURADORIA REGIONAL ELEITORAL – RS

Temos, então, que não houve rompimento da margem própria dos acalorados “debates eleitorais” a justificar a sanção de direito de resposta.

Como antes afirmado (ID 45078183), **não há o que responder**, porquanto o linguajar utilizado no *Twitter* da Requerida valeu-se de, digamos assim, “termos gauchescos” próprios de quando o interlocutor quer imputar algo que reputa ilegítimo a outrem (sua opinião por algo que não concorda/vantagem que julga indevida).

Noutros termos, não há flagrante agressão pessoal ao candidato. A propaganda, ainda que com a utilização de um discurso duro e contundente, é dirigida às ocorrências da vida do homem público, exposto à análise do eleitor por suas ações e situações passadas, o que não pode ser objeto de cerceamento, sob pena de vulneração do próprio princípio democrático.

Nesse sentido é o norte doutrinário:

Dada a natureza de suas atividades, o código moral seguido pelo político certamente não se identifica com o da pessoa comum em sua faina diuturna. Tanto é que os direitos à privacidade, ao segredo e à intimidade sofrem acentuada redução em sua tela protetiva. Afirmações e apreciações desairosas, que, na vida privada, poderiam ofender a honra objetiva e subjetiva de pessoas, chegando até mesmo a caracterizar crime, perdem esse matiz quando empregadas no debate político-eleitoral. Assim, não são de estranhar assertivas apimentadas, críticas contundentes, denúncias constrangedoras, cobranças e questionamentos agudos. Tudo isso insere-se na dialética democrática.²

É, assim, peculiar das campanhas eleitorais o uso de jargões exagerados e metáforas sensacionalistas, visando a exposição potencializada das desvirtudes, incongruências e equívocos dos concorrentes e de gestões passadas, o que, por si, não torna irregular a propaganda eleitoral negativa ou irregular.

² GOMES, José Jairo. Direito Eleitoral. 14. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Atlas, 2018. p. 507.
✕



**MINISTÉRIO PÚBLICO ELEITORAL
PROCURADORIA REGIONAL ELEITORAL – RS**

Pertinente, por fim, destacar ainda a decisão do excelso Supremo Tribunal Federal no julgamento da ADI 4.451/DF - Rel. Min. Alexandre de Moraes, sessão de 21.06.2018 –, em que se assentou a ampla liberdade de crítica política, **inclusive por meio de recursos humorísticos e da expressão de opiniões incisivas em desfavor de candidatos.**

Assim, não deve prosperar a irresignação.

Ante o exposto, o **Ministério Público Eleitoral**, por seu agente signatário, manifesta-se pelo **desprovimento do recurso.**

Porto Alegre, 25 de setembro de 2022.

CLAUDIO DUTRA FONTELLA
Procurador Regional Eleitoral Auxiliar